

No dia 19/5/2022, o jornal *O Globo*, um dos periódicos mais tradicionais e de maior circulação do país, estampou em sua capa a seguinte manchete: “Marido mata e enterra corpo de mulher em quintal de casa”. A partir dessa notícia, inicio este texto com o intuito de problematizar as concepções sobre o corpo feminino em nossa sociedade.

Crescemos ouvindo muitas histórias sobre o corpo violentado de mulheres, sem entender muito bem a complexidade dessas narrativas. Alguns relatos imprecisos sobre o corpo roxo de uma vizinha, outros sobre a falta que esses corpos femininos fazem na vida de alguém, permeiam o imaginário infantil de muitas meninas. Ainda que a infância dessas mulheres tenha sido atravessada por dramáticos testemunhos, as vozes normalizadoras da sociedade tentavam relativizá-los, fazendo com que eles assumissem a aparência de lendas urbanas. Entendendo que esses mitos não são completamente arbitrários, segundo Roland Barthes, “a significação é própria do mito, pois o ‘mito não esconde nada’” (BARTHES, 1989, p.143), é possível depreender daí as relações de poder sobre o corpo feminino nas dinâmicas sociais.

O objetivo deste trabalho é analisar as diferentes dimensões do corpo feminino no romance *Cometierra* (2019), da escritora argentina Dolores Reyes. A obra nos convida a pensar o corpo feminino como um território vivo, que dialoga com suas representações políticas, e a refletir sobre sua fluidez enquanto elemento que busca se conectar com a terra no processo da investigação de seu próprio desenvolvimento e na sua fluidez, como podemos observar nesta citação:

Mamãe, você vai para o buraco em um pano que é quase um trapo.
Quem vai falar comigo agora? Sem você não sou nada, não quero ser. A terra vai falar comigo? Ela já fez isso:
Bateram nela. Vejo as pancadas apesar de não as sentir. A fúria dos punhos afundando na carne como poços. Vejo meu pai, mãos iguais às minhas, braços fortes para aquele punho que físgou seu coração e sua carne como um anzol. E algo, como um rio, que começa a ir embora. (REYES, 2022, p. 12)

¹ Mestranda em Letras Neolatinas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLEN/UFRJ). Pós-graduada *lato sensu* em Literaturas Hispano-Americanas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2022). Possui graduação em Letras – Português/Espanhol pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009)

No romance *Cometierra* (2019), uma jovem que engole terra desmitifica alguns dos lugares comuns silenciados sobre o corpo violentado de muitas mulheres. “Comecei a comer terra por outros que queriam falar. Outros, que já se foram.” (*Ibid.*).

Terra é o lugar onde pessoas são sepultadas. Terra é chão, é solo. Terra é uma mistura de material, constituído essencialmente por minerais, matéria orgânica, água e ar, além de pequenos animais e micro-organismos. Ela é um corpo dinâmico que funciona em condições favoráveis ao equilíbrio da vida. Através da ação dos micro-organismos e das intempéries da natureza, todos os seres vivos, ao perderem suas funções vitais, são decompostos, reduzidos a compostos químicos simples e, assim, são absorvidos pela terra, passando a ser parte dela. Os corpos, então, unidos a terra, tornam-se um todo.

Nesse contexto, o corpo estranho terra, engolido pela jovem, e que guarda direta relação com as histórias que precisam ser reveladas, funciona como uma conexão material com o corpo feminino da jovem protagonista. Em contrapartida, o seu corpo se coloca a serviço do corpo social, na medida em que auxilia aqueles que buscam desvendar os enigmas acerca dos crimes sofridos por mulheres.

A fluidez dessa relação *corpo-terra-corpo* evidencia, de acordo com Milton Santos, o “uso” significativo das noções de território. Nesse sentido, cabe assinalar que esse uso vai além do simples valor de uso, compreendendo também um debate sobre território numa perspectiva de grande valor simbólico:

Coloquei o resto na boca e comi com toda a vontade que tinha de ver mamãe de novo. Enchi minha língua, fechei a boca e tentei engolir. Senti que a terra estava passando de uma coisa na minha mão para uma coisa viva, uma terra amiga em mim, e continuei comendo. (Ibid.).

A terra é refúgio das que foram agredidas, mutiladas, assassinadas, mas é também uma espécie duplo do corpo feminino, já que neste se desdobra quando o corpo da protagonista acolhe a terra que foi pisada pelas mulheres alvos da violência. Ele abriga emoções, feridas e memórias, buscando melhorias de suas atividades.

Dolores Reyes nasceu, em 1978, na zona oeste da grande cidade de Buenos Aires, onde mora e escreve. Formou-se como professora primária no Colégio Normal 10 e depois em Literaturas Clássicas na UBA – Universidade de Buenos Aires. É mãe de sete filhos, feminista e ativista. Atualmente Reyes lançou *Miseria* (2023) – romance que dá continuidade a *Cometierra* (2019), mas que ainda não foi lançado no Brasil. A escritura de seu romance

iniciante nasceu de relatos produzidos em formatos de contos que, por meio de alguns exercícios, puderam ser problematizados nas oficinas de escrita desenvolvidas pela escritora, também argentina, Selva Almada. Assim, foi a partir da leitura sensível de um poema, lido por um companheiro de oficina, que a expressão “*tierra de cementerio*” lhe possibilitou pensar uma menina sentada, comendo a terra daquele lugar. A cena imaginada serviu-lhe como gatilho para construir a densa narrativa dessa menina cujo corpo é porta-voz de tantos outros. O romance começa com a própria narradora contando que perdeu a mãe e que, para continuar a vê-la de alguma forma, come terra:

Ela fica aqui e eu levo um pouco desta terra em mim, para saber, às escuras, meus sonhos.

Fecho os olhos para apoiar as mãos na terra que acaba de te cobrir, mamãe, e tudo fica escuro pra mim. Fecho os punhos, agarro e a levo à boca. A força da terra que te devora é escura e tem gosto de tronco árvore. Eu gosto, ela me mostra, me faz ver. (*Ibid.*)

A terra é intrusa. Segundo Jean-Luc Nancy, ela “se introduce por fuerza por sorpresa o por astucia en todo caso sin derecho y sin haber sido admitido de antemano” (NANCY, 2006, p.11). Porém, receber essa terra estrangeira “también debe ser, por cierto, experimentar su intrusión.” (NANCY, 2006, p. 12).

A terra é o meio pelo qual sua mãe permanece viva no corpo da personagem, uma vez já tendo sido pisada por ela. Logo, o corpo de Cometera funciona como um mecanismo de escuta, um intermediário pelo qual a terra fala. A terra é uma estrangeira e a sua chegada no corpo “no deja de ser en algún aspecto una intrusión: es decir, carece de derecho y de familiaridad, de acostumbramiento. En vez de ser una molestia, es una perturbación en la intimidad.” (*Ibid.*).

O corpo também é morada, pois acolhe outro corpo e, nesse momento turbulento, “tudo se ativa quando as contradições se acumulam” (BACHELARD, 1978, p. 223). E são as imagens duras dos momentos finais de agonia de sua mãe, incorporadas por Cometera, que lhe provocam uma abertura às visões quanto ao brutal assassinato, possibilitando-lhe desvelar segredos, medos e angústias numa ordem de experiência de alma e de conexão com a mãe-terra. O corpo morto da mãe fala através da terra ao corpo vivo da menina. É nessa dialética corpo-morto, corpo-vivo que Reyes nos chama para denunciar uma luta de resistência dos territórios femininos.

No romance *Cometierra* (2019), o espaço casa não pode ser observado somente por seu espaço geográfico, mas também por seu valor simbólico. Segundo Bachelar, os “valores

de proteção e resistência da casa são transformados em valores humanos” (*Ibid.*). É a casa que nos ajuda a dizer: “serei um habitante do mundo, apesar do mundo” (*Ibid.*). A casa se transforma em valores humanos: a casa educa, a casa acolhe, a casa encoraja. Ela é um instrumento para afrontarmos o mundo. Na rivalidade entre casa e mundo, corpo e casa se unem em comunhão. Ela protege e abriga contra tempestades do céu. Porém, o corpo, na esfera de casa, enquanto elemento que abriga a terra, “experimenta um aumento de intensidade dos valores de intimidade” (*Ibid.*). Nessa perspectiva, o corpo de Cometera ao defender o outro corpo, passa a ser o lugar de coragem e de resistência àquele que deve vencer o medo:

Eu peguei a terra da lata e fui enfiando-a na boca.

A casa ficou escura como se tivesse sido coberta por um pano preto. Quis acender a luz para que não fôssemos engolidas pela noite que a terra estendeu à nossa volta. Tudo tão escuro, tão poço profundo no qual a luz do sol não chegava, que não podia ser nada bom. Quando estava prestes a parar, a abandonar por medo e abrir os olhos, a escuridão começou a ir embora, como se alguém estivesse acendendo velas, uma atrás da outra, e os olhos se acostumaram a ver.

Via pouco mas ouvia bem e era a voz dela. De sujeita. Ela dizia, gritava:

Ian. E, depois que ela gritou várias vezes esse nome, apareceu na parte mais clara, no centro da luz, um garotinho de uns oito anos. (REYES, 2022, p. 27)

Como problema central, dentre outros aqui apresentados, este trabalho propõe pensar a forma como o *corpo* da personagem mostra-se numa extensão de todos os outros. Ele é qualquer substância capaz de fluir e que não resiste de maneira permanente às mudanças de forma provocadas pela pressão. A terra é seu corpo, na medida em que ele é tomado por ela. Há uma apropriação espacial na construção de si, já que o corpo pode estar em muitos lugares. Por meio dele, a jovem Cometera se (re)constrói pela interioridade e toma consciência, não somente de sua subjetivação, mas de outras, quando compartilha dramáticas vivências de mulheres violentadas. Segundo Nancy, “una posibilidad de red en que la vida/muerte se comparte, la vida se conecta con la muerte, lo incomunicable se comunica.” (NANCY, 2006, p. 31). Dessa maneira, podemos compreender que só somos nós na medida em que estamos em relação com os outros, na medida em que somos “mais de um”. Esse corpo sofre mudanças e sente a dor de si e a de outros, desenvolvendo-se progressivamente:

— O que você está vendo? O que você está vendo?

Tive de reunir forças para abrir a boca e dizer:

— Fica calma, Marta, estou vendo muita luz.

Nunca tinha chorado com os olhos fechados. Eu via a Florensia cheia de vermes como um coração doente, o cabelo, uma teia de aranha que se desprendia do crânio.

—Fica calma, Marta, ver machuca meus olhos. Ela está bem. Seu cabelo parece absorver todo o sol.

Marta voltou a respirar, tanto que pareceu que seu peito estava maior que a bunda.

—Mas, menina, abre os olhos. Por que você está chorando? —disse ela agarrando com força as minhas duas mãos. Eu senti seu calor, mas não, não abri os olhos. Eu pensava: “Será que a Florensia está sentindo frio na terra, tão diferente de nadar, tão diferente de ter se formado anos atrás na barriga quente dessa mulher?”.

A mãe de Florensia não me largava. Dessa vez ela não teve nojo da terra. Nem viu a sujeira nas minhas unhas. (*Ibid.*)

O estudo desses temas predominantes na obra literária de Dolores Reyes se dá mediante a observação do *corpo* feminino em diferentes processos simbólicos que ocorrem numa dimensão espacial da vida em diferentes escalas no romance: *corpo-corpo*, *corpo-casa*, *corpo-terra*, *corpo-vida*, *corpo-comunidade*, *corpo-família*. Além disso, essas são seleções que possibilitam visualizar a pluralidade simbólica constitutiva do sujeito nesses territórios. É necessário observar o sentido de construção desses territórios, não só o que migra com a personagem, de forma física, mas também simbólica, quando ela come pedaços de terra de diferentes lugares. Converter-se nesse corpo que come não a aproxima da terra intrusa; mas sim que “ni bien se produce, comienza a multiplicarse, a identificarse en sus diferencias internas renovadas.” (NANCY, 2006, p. 32).

É dessa maneira, por meio do corpo que come a terra a qual come outros corpos, que Reyes evidencia a multiplicidade dos corpos femininos existentes. O corpo da jovem Cometera é o lugar da existência e essa existência é a complexidade de abarcar outros corpos. “No otro que el mismo que no termina de alterarse, a la vez agusado y agotado, desnudado y sobreequipado, intruso en el mundo tanto como en sí mismo” (NANCY, 2006, p. 45). A terra, dessa maneira, é a intrusa que se torna o corpo mesmo.

Portanto, levando-se em consideração o histórico de banalização da violência contra mulheres e o fato de tão somente há pouquíssimos anos conseguirmos nomear esse tipo de violência como feminicídio, fica evidente a necessidade de debatermos esse assunto a partir de um outro lugar: o relato de uma personagem e de uma autora que falam a partir da periferia sobre o corpo feminino em suas diferentes esferas: política, geográfica, social e simbólica. A obra nos convida a pensar esse corpo como um território vivo, que dialoga com suas representações, levando-nos também a refletir sobre sua fluidez enquanto elemento que busca se conectar com a terra no processo da investigação de seu próprio desenvolvimento e na materialização de sua existência como espaço-casa.

REFERÊNCIAS

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston, A casa e o universo, In: Os Pensadores, Poética do espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BARNESLEY, J. El cuerpo como territorio de la rebeldía. Caracas: Unearte, 2006.
- BARTHES, Roland. O mito, hoje. In: Mitologias. Tradução Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 8a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato, orgs. Brasil: questões atuais da reorganização do território. 3a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CRUZ HERNÁNDEZ, D. T. 2017. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. Solar, vol. 12, n. 1, p. 35-46.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. 1997 (1980) Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34.
- ECHEVERRÍ, J. A. 2004. Territorio como cuerpo y territorio como naturaleza: diálogo intercultural? In: Surrallés, A. e García Hierro, P. (orgs.) Tierra adentro: territorio indígena y percepción del entorno. Copenhague: Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____. 2014. Viver no Limite. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____. 2020. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): Contribuições decoloniais. Revista Geographia, vol: 22, n.48, p. 75-90.
- _____. Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina / Rogério Haesbaert. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Niterói : Programa de Pós-Graduação em Geografia ; Universidade Federal Fluminense, 2021. Libro digital, PDF

LINDÓN, A. 2012. Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia un renovado betweeness. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* v. 11, n. 33, p. 698-723. REYES, Dolores. Cometierra. Buenos Aires: Sigilo, 2019.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Território na Geografia de Milton Santos. São Paulo: Annablume, 2013.

NANCY, Jean-Luc. El Intruso. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

ZARAGOCIN, S. 2018a. La Geopolítica del útero: hacia una geopolítica feminista decolonial en espacios de muerte lenta. In: Cruz, D. e Bayon, M. (orgs.) *Cuerpos, territorios y feminismos*. Quito: Abya Yala y Estudios Ecologistas del Tercer Mundo.